Análise de Custos no Processo Decisorial Estudo da Relação Custo x Volume x Lucro

Helandson Cesar Melo Cavalcante

Ivandi Silva Teixeira

Resumo:

Antes do início da análise da relação custo x volume x lucro, faz-se mister compreender a importância da alocação dos custos fixos e variáveis, respeitando as diferenças existentes entre os usuários da informação. Tal cuidado, evita um resultado longe da realidade e que conseqüentemente faria com que a análise não tivesse a relevância necessária para a tomada de decisão. Em seguida, já iniciando o estudo, analisa-se os indicadores de gestão utilizados na relação custo x volume x lucro: margem de contribuição e ponto de equilíbrio. Através de conceitos e fórmulas, obtêm-se um panorama dos dois indicadores, em que são perquiridas suas diferentes estruturas. A partir daí, outros conceitos são acrescentados ao assunto para melhor defini-lo, como por exemplo taxa de retorno, margem de segurança, e alavancagem operacional. Outros tópicos são criados para explicar as variações no ponto de equilíbrio decorrentes de alterações no preço de venda, nos custos e despesas fixos ou variáveis, bem como nos casos de inflação. E por fim, a partir de um exemplo prático, aplica-se todos os conceitos e fórmulas apresentados ao longo do trabalho com o objetivo de demonstrar a importância e eficácia da análise de custos através da relação custo x volume x lucro, ampliando sua área de atuação no processo decisorial assim como intensificando sua utilização como instrumento indispensável do contador para auxiliar a administração na tomada de decisão.

Palavras-chave:

Área temática: CUSTOS E TOMADA DE DECISÃO

**ANÁLISE DE CUSTOS NO PROCESSO DECISORIAL
ESTUDO DA RELAÇÃO CUSTO x VOLUME x LUCRO**

ALUNO: Helandson Cesar Melo Cavalcante (estudante)
Pr^o. Dr^o. Ivandi silva Teixeira (orientador)
Universidade Federal do Pará
Av. Augusto Corrêa S/ nº - Guamá - Belém/Pa - Brasil
Fone : (0xx91) 211 - 1220
vennon.hunter@zipmail.com.br
(estudante)

Área Temática: (4) CUSTOS E TOMADA DE DECISÃO
Seção Especial para Estudantes de Graduação

ANÁLISE DE CUSTOS NO PROCESSO DECISORIAL ESTUDO DA RELAÇÃO CUSTO x VOLUME x LUCRO

Área Temática: (4) CUSTOS E TOMADA DE DECISÃO
Seção Especial para Estudantes de Graduação

RESUMO

Antes do início da análise da relação custo x volume x lucro, faz-se mister compreender a importância da alocação dos custos fixos e variáveis, respeitando as diferenças existentes entre os usuários da informação. Tal cuidado, evita um resultado longe da realidade e que conseqüentemente faria com que a análise não tivesse a relevância necessária para a tomada de decisão.

Em seguida, já iniciando o estudo, analisa-se os indicadores de gestão utilizados na relação custo x volume x lucro: margem de contribuição e ponto de equilíbrio. Através de conceitos e fórmulas, obtêm-se um panorama dos dois indicadores, em que são perquiridas suas diferentes estruturas.

A partir daí, outros conceitos são acrescidos ao assunto para melhor defini-lo, como por exemplo taxa de retorno, margem de segurança, e alavancagem operacional. Outros tópicos são criados para explicar as variações no ponto de equilíbrio decorrentes de alterações no preço de venda, nos custos e despesas fixos ou variáveis, bem como nos casos de inflação.

E por fim, a partir de um exemplo prático, aplica-se todos os conceitos e fórmulas apresentados ao longo do trabalho com o objetivo de demonstrar a importância e eficácia da análise de custos através da relação custo x volume x lucro, ampliando sua área de atuação no processo decisório assim como intensificando sua utilização como instrumento indispensável do contador para auxiliar a administração na tomada de decisão.

INTRODUÇÃO

Atualmente o mercado vem exigindo do contador um maior conhecimento do funcionamento gerencial do empreendimento, onde se trabalha não apenas com os valores numéricos para fechar o balanço, mas também com a interpretação do resultado final e a precisa elaboração da informação contábil para acrescentar elementos gerenciais para a tomada de decisão pelo administrador.

A Contabilidade de Custos atua como centro processador de informações sendo de grande importância para o processo decisório, pois se encontra relacionada com suas funções básicas da gestão empresarial, definida como sendo a de produzir relatórios que atendam as necessidades fiscais e legais e também auxiliar a administração nas funções de planejamento, controle e execução. Dentro da Contabilidade de Custos destaca-se o

processo de análise gerencial de custos conhecido como relação Custo x Volume x Lucro que objetiva auxiliar o contador a diagnosticar as operações das empresas, mostrando a importância da alocação correta dos chamados custos fixos e variáveis.

Este trabalho delinea como os custos fixos e variáveis interferem no processo de análise como também a sua aplicação e a utilização de seus indicadores de gestão.

PROBLEMÁTICA

A análise do processo gerencial através da relação Custo x Volume x Lucro requer uma exata alocação dos custos para posterior definição do que deverá ser o seu objetivo: a viabilidade de um negócio ou de um produto. No entanto, a sua utilização está muito vinculada a demonstração de lucratividade, como se outras áreas do processo gerencial não se beneficiassem da análise, como exemplo, a fixação de preços, a escolha entre fabricação ou compra, substituição ou não de máquinas e equipamentos, entre outros.

CUSTOS E DESPESAS FIXOS E VARIÁVEIS

Para que a relação Custo x Volume x Lucro alcance os seus objetivos, é de suma importância uma cuidadosa classificação dos custos, segundo sua variabilidade. A pedagogia gerencial costuma definir os custos em:

- Fixos: são aqueles que não variam com a base de volume, dentro de uma determinada faixa de operações.
- Variáveis: são os custos que variam em proporção direta com o volume de atividade.

Entretanto, a simples classificação teórica nem sempre é suficiente para apropriar com mais eficácia tais custos. Uma vez que pode gerar dados que não reflitam a realidade das atividades das empresas. Isso se dá pelo fato da simples classificação teórica em custos fixos ou variáveis ser muito restrita, pois na prática não existem custos eternamente fixos ou variáveis, ocorrendo literalmente intensa variação entre eles em relação a uma atividade ou espaço de tempo.

Assim os custos são relativamente fixos por períodos limitados. Com o decorrer do tempo esses custos podem variar, e mesmo num curto prazo com a substituição de um maquinário por outro equipamento mais dispendioso, por exemplo, pode fazer esse custo aumentar. Outro problema está na segregação entre custos fixos e variáveis de mão-de-obra, haja vista a indisposição por parte das empresas de recrutar funcionários em caso de aumento de atividade ou dispensá-los em decorrência de pouca atividade.

No caso dos custos variáveis, seria incorreto afirmar que todos crescem proporcionalmente à produção, pois alguns variam de maneira diferente em diferentes níveis de produção. Por exemplo, em volumes mais altos, podem ser obtidos descontos

por quantidade na aquisição de matérias-primas que não existiriam para compras de quantidades menores, em níveis mais baixos de atividade.

Ainda existem custos que não tem um comportamento bem definido em relação ao nível de atividade. Eles incluem uma parcela fixa e uma parcela variável em seu total. Caso da energia elétrica, que depende em parte do volume de produção sendo definida em função do potencial de consumo instalado, e em parte diretamente do consumo efetivo. Esses custos de semivariáveis ou semifixos.

O grande problema da análise da relação custo x volume x lucro encontra-se justamente em determinar a variabilidade dos custos para posterior classificação, observando não somente a atividade e seu volume como também o período incorrido. Daí surge a necessidade de se discriminar os elementos individuais de custo, facilitando a identificação de elementos que numa mesma categoria podem variar ou permanecer fixos, para depois correlacionar cada um deles com um fator de variação.

Segundo Leone (1980), para caracterizar um determinado custo como sendo fixo ou variável, deve-se considerar os seguintes aspectos:

Quanto ao Controle: os custos fixos são controlados por algum nível dentro da empresa. Normalmente são controlados por níveis mais altos dentro da hierarquia organizacional. Os custos variáveis são controlados geralmente pelo Centro de Custos que os realizam.

Quanto à Atividade: os custos fixos são aqueles relacionados com a capacidade. São custos que independem do volume da atividade. Os custos variáveis variam em função do nível de atividade.

Quanto à Faixa de Volume: os custos fixos devem ser relacionados com uma faixa de volume. São raros os custos fixos que permanecem iguais além de uma determinada faixa de volume. Assim como os custos fixos, os variáveis devem ser analisados dentro de uma faixa efetiva de volume. Fora dos limites dessa faixa, os custos variáveis terão normalmente outro comportamento quando tomados unitariamente.

Quanto à Decisão Administrativa: os custos fixos ligam-se estreitamente às decisões tomadas pela Administração. Muito embora alguns custos variáveis possam ser alterados em virtude de decisões administrativas, isso acontecerá em relação ao seu total. Entretanto, sempre reagirão diante do volume de atividade sob taxas diferentes de variabilidade.

Quanto ao Período: os custos fixos são sempre relacionados ao período. Os custos variáveis são relacionados à atividade.

Quanto à unidade do produto: os custos fixos tornam-se variáveis e os variáveis tornam-se fixos.

Na análise de custos relação custo x volume x lucro destacam-se dois indicadores de gestão: *a margem de contribuição ou contribuição marginal e o ponto de equilíbrio.*

Os indicadores de gestão são instrumentos derivados do critério de acumulação de custo variável, esse critério absorve somente os custos que possuem uma relação direta com o objeto custeado ou aqueles que seus valores se alterem na base proporcional ao volume da produção. Os outros custos (indiretos/fixos) serão considerados como despesa do período.

Por demonstrar uma situação mais real da empresa, esse método de custeio constitui-se em um instrumento muito importante no gerenciamento empresarial, mesmo ferindo princípios contábeis, ao definir os custos fixos como despesas do período. O lucro obtido com esse método é mais real e por isso menor. Por esses motivos ele não é aceito para fins fiscais, sendo desprezado pelo Fisco.

MARGEM DE CONTRIBUIÇÃO

Entende-se por margem de contribuição como montante que dará cobertura aos custos e despesas fixos. É o excedente de vendas sobre os custos e despesas a ele vinculado (custos e despesas variáveis). Segundo Martins (1996) utilizar o conceito de margem de contribuição como sendo a diferença entre o Preço de Venda e a soma dos Custos Variáveis é correto, mas não completo, já que para o cálculo dessa margem, deve-se também levar em consideração as Despesas Variáveis (de vendas, financiamento, etc....).

Essas despesas variáveis, apesar de entrarem no cálculo da margem de contribuição, não são associadas ao produto no momento da avaliação de estoques. Recebem, então o tratamento de redutoras do valor de venda, não alterando o cálculo da margem de contribuição, facilitando assim a mensuração do que é realmente custo. Isso faz com que a margem possua a faculdade de tornar bem mais visível à potencialidade de cada produto a ser comercializado. Assim calcula-se a margem de contribuição através da fórmula:

$PREÇO_{UN} - C.D.V._{UN}$ (para valores unitários) ou $MC_{UN} \times QT$ (para valores totais)

C.D.V.= Custos e Despesas Variáveis; QT= Quantidade; MC= Margem de Contribuição

É sabido que diferentes tratamentos à composição de custos e despesas fixos e variáveis causam diferenciadas situações no que diz respeito à oscilações nos volumes e preços de venda. Logo, nem sempre uma margem de contribuição unitária muito elevada significa uma situação rentável, haja visto que essa margem pode dar mais resistência contra possíveis concorrentes, porém corre-se o risco de ter o faturamento na faixa do prejuízo.

MARGEM DE CONTRIBUIÇÃO & TAXA DE RETORNO

Para melhor avaliar a qualidade de um empreendimento, utiliza-se o cálculo da taxa de retorno sobre o investimento realizado. Para obter essa avaliação do investimento quanto ao seu retorno, divide-se o Lucro Antes do Imposto de Renda e o Lucro Antes das Despesas Financeiras pelo Ativo Total consumido para obter o produto.

Sobre esse cálculo, Martins (1996) expressa: “No retorno não devem ser incluídas as Despesas Financeiras, já que estas são derivadas do Passivo (Financiamento), e não do Ativo (Investimento). Do retorno dado pelo investimento, parte será utilizada para remunerar o capital de terceiros (Despesas Financeiras), e parte para remunerar o capital próprio (Lucro Líquido do proprietário). O retorno total, a soma dos dois, é o que melhor define o desempenho global”.

Quando se está avaliando um investimento, é muito importante verificar as medidas tomadas quando o mesmo não dá o retorno esperado. Emprega-se muito a expressão “abaixar os custos”, quando na verdade é sabido que custo é tudo aquilo que está ligado diretamente à confecção do produto, logo se ele abaixar, o produto tende a perder sua qualidade. Assim o mais aconselhável é tentar cortar os excessos, isto é, aquilo que faz com que a empresa gaste sem necessidade, pois poderia se produzir com a mesma qualidade sem eles.

PONTO DE EQUILÍBRIO

O ponto de equilíbrio surge da união dos Custos Totais com as receitas totais, ou seja, é o ponto das atividades (nível de produção e volume de vendas) onde as receitas e os custos totais se equivalem.

Em função das diferentes metodologias usuais para a sua determinação, o ponto de equilíbrio oferece entendimentos distintos para percepções gerenciais focadas nos processos produtivos e respectivas nuances financeiras. Por conseguinte, a segmentação destas, na forma como se preceitua abaixo.

PONTO DE EQUILÍBRIO CONTÁBIL, ECONÔMICO & FINANCEIRO

O nível de produção e vendas pode tomar como base vários parâmetros, podendo ser mensurado em termos contábeis, econômicos e financeiros em quantidade e valores monetários.

No ponto de equilíbrio contábil obtêm-se margem de contribuição total capaz de cobrir todos os Custos e Despesas Fixos, logo é no ponto em que contabilmente não haveria lucro nem prejuízo (desde que a produção se iguale as vendas). Mesmo o lucro

sendo zero, economicamente a empresa está perdendo mesmo que seja o juro do capital próprio investido. É representado pelas fórmulas:

$$P.E.C.QT = \frac{C.D.F.}{M.C.} \qquad P.E.C.₹ = \frac{C.D.F.}{1 - (C.D.V. / P)}$$

C.D.F. = Custo e Despesas Fixas; P = Preço

O ponto de equilíbrio econômico será obtido quando houver um lucro contábil, ou seja, quando a soma das margens de contribuição forem maiores que os Custos e Despesas Fixos, sobrando assim um lucro mínimo desejado. Ao trabalhar com esse ponto de equilíbrio na inflação, é importante ajustar o Patrimônio Líquido e fazer a correção no Ativo Permanente antes de trabalhar a margem de lucro estimada pela empresa. Representado pelas fórmulas:

$$P.E.E.QT = \frac{C.D.F. + M.L.E.}{M.C.} \qquad P.E.E.₹ = \frac{C.D.F. + M.L.E.}{1 - (C.D.V. / P)}$$

M.L.E. = Margem de Lucro Esperada

No ponto de equilíbrio financeiro, consegue-se um equilíbrio financeiro, mas haverá um prejuízo oriundo da parcela “consumida” do seu Ativo Permanente, isto é, da importância que não representa desembolso de caixa. Representado pelas seguintes fórmulas:

$$P.E.F.QT = \frac{C.D.F. - V.N.D.}{M.C.} \qquad P.E.F.₹ = \frac{C.D.F. - V.N.D.}{1 - (C.D.V. / P)}$$

V.N.D. = Valor Não Desembolsável

O ponto de equilíbrio não pode ser calculado como um todo para empresas com diversos produtos, salvo casos em que a margem de contribuição por produto sejam iguais ou possuam uma mesma porcentagem de margem de contribuição sobre o preço de venda. Mesmo calculando uma margem específica por produto, levando-se em conta que existam custos e despesas fixos identificados em cada um, ainda haveria o problema de um único ponto de equilíbrio para dar cobertura aos custos e despesas fixos comuns.

Neste caso, sempre existirá um número infinito de possibilidades para esse ponto de equilíbrio global e final.

INFLUÊNCIA DAS ALTERAÇÕES DOS CUSTOS E DESPESAS FIXOS NO PUNTO DE EQUILÍBRIO

Um aumento nos Custos e Despesas Fixos representa um aumento na mesma proporção no ponto de equilíbrio.

Assim o novo ponto de equilíbrio será igual ao anterior acrescido da porcentagem que aumentou os Custos e Despesas Fixos. No ponto de equilíbrio econômico esse acréscimo será contabilizado como uma Despesa Fixa, nesse caso o ponto de equilíbrio só aumentaria na mesma proporção do aumento nos Custos e Despesas Fixas se aumentar o lucro mínimo desejado, caso contrário à proporção não será a mesma.

INFLUÊNCIA DAS ALTERAÇÕES DOS CUSTOS E DESPESAS VARIÁVEIS

Quando se trata de mudanças nos Custos e Despesas Variáveis, tem que se levar em consideração à margem de contribuição unitária. Se esta for pequena qualquer alteração nos Custos e Despesas Variáveis provocará grandes alterações na margem, alterando dessa forma o ponto de equilíbrio. No entanto, se a margem de contribuição unitária for grande, por maior que seja o acréscimo nos Custos e Despesas Variáveis, a margem não sofrerá grandes mudanças, o mesmo acontecendo com o ponto de equilíbrio. Assim percebe-se que nas alterações dos Custos e Despesas Variáveis, a consequência está na margem de contribuição unitária e não no percentual que alterou os custos.

MARGEM DE SEGURANÇA E ALAVANCAGEM OPERACIONAL

Margem de segurança é a diferença entre a quantidade de produção de uma empresa para gerar lucro e a quantidade produzida para dar cobertura aos custos e despesas totais (ponto de equilíbrio). Essa margem identifica aquilo que é produzido para gerar o lucro, podendo até ser reduzida até a quantidade produzida no ponto de equilíbrio sem entrar na faixa do prejuízo.

A alavancagem operacional é um acréscimo no volume das atividades que conseqüentemente ocasionará um aumento no resultado operacional.

Quanto maior for à margem de segurança, menor será a alavancagem operacional, pois uma margem de segurança muito grande significa que se trabalha com uma produção muito acima daquela para cobrir os custos e despesas totais, logo quando houver uma alavancagem operacional, esta será em grau muito pequeno, pois já se produz uma quantidade de produtos bem elevada.

INFLUÊNCIA DAS ALTERAÇÕES DOS PREÇOS DE VENDA

Ao aumentar o preço de venda surge uma nova e maior margem de contribuição unitária. Se o preço diminuir a margem também cairá. Logo qualquer alteração no preço

mexe com a margem de contribuição, não observando a porcentagem que aumentou ou diminuiu no preço, mas sim o resultado na margem de contribuição unitária.

ANÁLISE DA RELAÇÃO CUSTOxVOLUMExLUCRO:

Com todos esse elementos para se fazer à análise do custo, poderá ser percebido o quão importante é a relação custo x volume x lucro para essa análise e ao mesmo tempo será possível à verificação do seu nível de aplicação no que concerne a projeção do lucro ou a outras áreas gerenciais a partir dos dados levantados para a empresa fictícia Zeek, que produz rádio-gravador, mostrados abaixo:

Volume da produção total: 10.000 u/mês

Preço unitário: R\$ 50,00

<i>Capacidade Produtiva</i>	50%	80%	100%
<i>Vendas</i>	250.000	400.000	500.000
<i>Custos Variáveis:</i>			
Matérias-primas.....	75.000	120.000	150.000
Mão-de-obra direta.....	25.000	40.000	50.000
Custo gerais de produção –			
Supervisão.....	3.750	6.000	7.500
Serviços de escritório.....	500	800	1.000
Manuseio de materiais.....	250	400	500
Prêmios salariais.....	500	800	1.000
Assistência social.....	2.500	4.000	5.000
Reparos e manutenção.....	3.750	6.000	7.500
Materiais de consumo.....	4.375	7.000	8.750
Água, luz e força.....	6.250	10.000	12.500
Diversos.....	1.250	2.000	2.500
Armazenagem e expedição	7.500	12.000	15.000
Despesa de venda e administração...	19.375	31.000	38.750
 Total dos custos variáveis:	 150.000	 240.000	 300.000
 Margem disponível para Custos fixos e lucro.....	 100.000	 160.000	 200.000
<i>Custos Fixos:</i>			
Custos gerais de produção.....	87.500	87.500	87.500
Armazenagem e expedição	3.750	3.750	3.750
Despesas de venda e administração...	33.750	33.750	33.750
 Total dos custos fixos.....	 125.000	 125.000	 125.000
 <i>Lucro (ou/perda)</i>	 (25.000)	 35.000	 75.000

CÁLCULO DA MARGEM DE CONTRIBUIÇÃO UNITÁRIA:

$$M.C_U = 20 /u$$

PONTO DE EQUILÍBRIO CONTÁBIL:

$$P.E.C._{QT} = \frac{125.000}{20 \text{ u}} = 6.250 /u \text{ (Trabalhando c/ 62,5 \% da capacidade produtiva)}$$

$$P.E.C._{\$} = \frac{125.000}{0.4} = \$ 312.500$$

MARGEM DE SEGURANÇA: 1.750 /u (80% da capacidade produtiva)

$$\$ 1.750 \times 50/u = \$ 87.500$$

Em termos percentuais podemos dizer que está com uma margem de segurança de 29%

$$\text{MARGEM DE SEGURANÇA} = \frac{1.750 \text{ u}}{8.000 \text{ u}} = 29\%$$

Em receitas o cálculo é o mesmo:

$$M.S. = \frac{\text{Receitas Atuais} - \text{Receitas no Ponto de Equilíbrio}}{\text{Receitas Atuais}}$$

$$\frac{\$ 400.000 - \$ 312.500}{\$ 400.000} = 29\%$$

Se, ao invés de 8.000/u, a Empresa passasse a produzir 8.500/u por mês, seu resultado seria:

$$2.250 \text{ u/mês} \times \$50 = \$ 112.500$$

Comparando esses números com a anterior capacidade de 80% da produção (8.000 unidades e lucro de \$400.000/mês), ter-se-ia:

- Aumento no volume: 500 u, ou seja, 6,25%
- Aumento no lucro: \$25.000, ou seja, 28,6%

A um acréscimo de 6,25% no volume de atividade correspondeu um aumento de 28,6% no resultado, com uma alavancagem de:

$$\frac{28,6\%}{6,25\%} = 4,6 \text{ vezes}$$

Logo,

$$\text{Alavancagem Operacional} = \frac{\text{Porcentagem de acréscimo no lucro}}{\text{Porcentagem de acréscimo no volume}}$$

$$\frac{\$112.500 / 87.500}{2.250\text{u} / 8.000\text{u}} = 4,6\%$$

A cada 1% de aumento sobre seu atual volume de 8.000 u/mês corresponderá um acréscimo de 4,6% sobre seu atual resultado mensal.

Para cada ponto em que se encontrar, sua Alavancagem é diferente; ela não é sempre igual a 4,6%, pois esse número é válido para as comparações a partir do volume atual de 8.000 u.

É muito importante entender que antes de se fazer à análise de custos dessa Empresa fictícia, foi de suma relevância discriminar os custos em fixos, variáveis ou naqueles que apresentam parte fixa e variável de acordo com as necessidades e peculiaridades da Empresa, e levando-se em conta também sua capacidade produtiva e seu volume para poder alocar esses custos de forma que realista.

Assim surgem no balanço contas como mão-de-obra nos custos variáveis, visto que seu acréscimo é proporcional com a produção. Essa colocação pode parecer lógica, mas é mais comum acontecer de o volume produtivo aumentar e o mesmo não acontecer com a mão-de-obra, o que facilita não só o desgaste do trabalhador como também a queda da produtividade.

Isso ocorre principalmente em países como o Brasil, em que há uma forte presença sindical no que diz respeito a estabelecer salário-base para classes de trabalhadores. Esse fato que num primeiro momento pode parecer distante da Contabilidade acaba por inibir que empresas aumentem os salários de funcionários em momentos de alta atividade assim como abaixar em momentos de crise. Em países da Europa isso é mais utilizado, não só para facilitar a segregação da mão-de-obra como também para incentivar o trabalhador a produzir mais.

Outras contas que merecem destaque é a Armazenagem e Expedição que aparece tanto com elementos fixos quanto variáveis e a conta Água, luz e força, que possui uma parte fixa relacionada com o consumo instalado e uma parte variável que depende do consumo efetivo, ambas as contas são custos semivariáveis ou semifixos.

Após a alocação dos custos e aplicação da análise tem-se a obtenção de dados que facilitam o processo decisório como no caso da empresa “Zeek”, a impossibilidade de se produzir com a capacidade de 50% se mantiver tais custos variáveis, ou definir quantas unidades podem deixar de ser produzidas obedecendo à margem de segurança, estabelecida com capacidade de 80% da produção, em caso de crise, etc.

CONCLUSÃO

A compreensão das características dos custos e do seu comportamento em diferentes níveis operacionais leva não somente a um melhor planejamento como também a um controle de custos e a uma tomada de decisão mais precisa. Porém é importante salientar que não se pode prever com exatidão as variações de um custo, fato este que aumenta ainda mais a responsabilidade para que se chegue em um valor mais próximo possível da realidade e bem longe das distorções que possam afetar a continuidade do empreendimento.

A análise da relação custo x volume x lucro é um método muito mais dinâmico de apresentar uma atividade, demonstrando seu consumo de custos e o quanto ela pode gerar de receita, sendo aplicada também a áreas de decisões da direção empresarial como fixação de preços, escolha entre fabricação ou compra, determinação de métodos alternativos de produção, viabilidade de um projeto. Isso transforma a análise da relação custo x volume x lucro num indispensável instrumento de decisão.

BIBLIOGRAFIA

BACKER, Morton & JACOBSEN, E. Lyle. Contabilidade de custos: um enfoque administração de empresas. Volume 2. McGraw-Hill do Brasil : 1978

LEONE, Guerra George. Custos um enfoque administrativo volume 1. 6°. ed. Rio de Janeiro –RJ : Fundação Getúlio Vargas, 1980

MARTINS, Eliseu. Contabilidade de custos: inclui o ABC. 5°. ed. São Paulo : Atlas, 1996

ANEXO

Pr.º Dr.º Ivandi Silva Teixeira (orientador)

ivandi@uol.com.br

Matrícula SIAPE: 0327863

UFPA/ CSE/ Departamento de Contabilidade

Docente Adjunto